

Brasil não quer imitar a Argentina

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

Argentina aceitou o acordo com o FMI, apresentou seu conjunto de opções, vem pagando os juros e, há sete meses, não consegue assinar o contrato e receber o dinheiro. Este exemplo, para o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, é o melhor indicativo de que o País, não deve seguir modelo idêntico para a solução do problema da dívida externa.

Em entrevista concedida ontem, ao final da reunião do Conselho Monetário Nacional, Milliet insistiu que a renegociação do débito externo brasileiro deve ser feita a longo prazo. Para ele, a rodada de entendimentos, que se inicia esta semana, tem o caráter de "conversas informais e de apresentação de propostas". Mas "nós queremos acordo definitivo", acrescentou.

O presidente do BC lembrou que, em 1982 e 1983 o Brasil, os bancos e o Fundo Monetário Internacional acreditaram que a situação da dívida poderia ser resolvida através daquele tipo de ajuste, que pressupõe um processo recessivo. "Hoje", afirmou, "há plena consciência de que isto não é possível".

Milliet, depois de confirmar que a conversão da dívida em capital de risco deverá ser normatizada na próxima reunião do Conselho, em outubro, disse que vê naquele instrumento vantagens e limitações. Vantagens no que diz respeito ao aumento de investimentos e redução do volume global da dívida externa. Limitações em consequência das repercussões provocadas pela conversão sobre as políticas monetária e fiscal.

DÍVIDA POR EXPORTAÇÕES

Converter dívida atual em exportações futuras. Esta é a mais nova proposta brasileira de renegociação da dívida externa, que vem sendo elaborada no Ministério do Planejamento. A nova proposta foi apresentada pelo secretário para assuntos internacionais do Ministério, Roberto Henri Guitton, em entrevista concedida à imprensa, logo após ser empossado no cargo, pelo ministro Aníbal Teixeira. Guitton também integra a comitiva brasileira que segue hoje para os Estados Unidos para a reunião anual FMI/Bird (Fundo Monetário Internacional/Banco Mundial).

Para o novo secretário para assuntos internacionais do Planejamento, o Brasil não pode ficar preso aos parâmetros de uma negociação tradicional, tendo de demonstrar, neste momento, muita criatividade. A proposta que ele está desenvolvendo na Seplan, de conversão de dívida em exportações futuras, "já foi sondada entre empresários brasileiros encontrando uma boa receptividade".